

# Credores aprovam primeiras medidas

**Roberto Garcia**  
Correspondente

**Washington** — Grandes bancos credores do Brasil reagiram positivamente, ontem, às duas primeiras medidas importantes anunciadas pelo governo Sarney depois da viagem de sondagem feita pelo ministro da Fazenda a autoridades governamentais dos Estados Unidos, da Europa e Japão. “Nunca diríamos claramente que queríamos a eliminação dos subsídios de trigo ou aumento dos preços de eletricidade porque esse tipo de medidas compete a governos soberanos tomar. Mas nunca escondemos nossa preocupação com os déficits orçamentários. Ora, todos sabem que os subsídios ao trigo e à Eletrobrás são as fontes mais importantes dos déficits governamentais. Com sua eliminação, estamos agora numa posição muito melhor para abrir as negociações sobre reescalonamento da dívida”, disse um alto funcionário de um dos bancos americanos credores.

Outros altos funcionários dos principais bancos credores do Brasil também mostravam cuidadoso otimismo em relação ao interesse do governo brasileiro em começar logo essas negociações, comunicado pelo presidente do Banco Central, Francisco Gros, em reunião com representantes dos principais credores do país. “Mas não exagere esse otimismo. Afinal, Francisco Gros disse vagamente que deseja reabrir o diálogo a curto prazo, sem mencionar a data em que uma dele-

gação brasileira seria despachada para Nova Iorque”, disse um deles.

Quando o presidente José Sarney anunciou a suspensão dos pagamentos de juros da dívida a longo prazo aos bancos privados estrangeiros, o relógio passou a trabalhar contra essas instituições de crédito. “Quanto mais tempo ficarmos sem receber esses juros, mais pressionados seremos a lançar parte dos empréstimos ao Brasil como prejuízos. Isso é ruim para nossos balanços, para nossa capacidade de captar recursos nos mercados e certamente iria refletir de forma desfavorável para o crédito do Brasil no exterior”, explicou um banqueiro.

O otimismo cuidadoso dos bancos era temperado, ontem, pela euforia de economistas do FMI e do Banco Mundial com os sinais de determinação demonstrados pela equipe econômica em eliminar caros subsídios governamentais. “Se forem realmente executadas, as duas medidas valem mais que 10 cartas de intenção ao FMI”, disse um funcionário daquela organização. “Todos sabem que essas medidas não são fáceis e que era necessária coragem para adotá-las. Se o governo persistir no saneamento dos bancos estaduais, enxugar a máquina do BNH e não abrir outros buracos onde bilhões de dólares de recursos públicos poderiam desaparecer, o reconhecimento internacional não demorará”, acrescentou um economista do Banco Mundial.

“Estamos começando a ver luz no fim do túnel. Só espero que seja a luz do

sol e não o farol de um trem vindo em nossa direção a toda velocidade”, disse um outro banqueiro, mais cético em relação à determinação do governo Sarney em realmente tomar medidas saneadoras para a economia brasileira e em negociar seriamente com os credores internacionais. Apesar desse ceticismo, o banqueiro, membro da comissão de 14 bancos que negociará o reescalonamento da dívida brasileira, reconhecia que, se as promessas de austeridade feitas no discurso do presidente Sarney no mês passado se concretizarem, o clima atualmente existente no mercado financeiro em relação ao Brasil mudaria, substancialmente, para melhor. “O problema dos últimos anos tem sido a falta de consistência dos esforços de ajustamento feitos pelo governo brasileiro. As vezes eles tomam medidas corajosas, mas depois deixam que todos os avanços conseguidos se dissipem, por falta de disciplina ou oportunismo político”, acrescentou o banqueiro.

Se além de cortar os subsídios o governo Sarney reabrir logo as negociações, a maior parte das incertezas existentes nos mercados financeiros em relação ao Brasil diminuiriam, esclareceu um importante economista do Morgan Guaranty. “Obviamente, continuaríamos preocupados com o nível da balança comercial, mas certamente teríamos melhores razões para estender novos créditos e esperar que os saldos voltassem aos saudáveis patamares dos últimos anos”, explicou ele.